

\* Artigo Original

## **O Livro D'Ouro do Povo - O Sistema Médico de Raspail em Portugal no Século XIX**

**Dulce Pombo**

Mestre em Sociologia da Saúde e da Doença, Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE/IUL , Portugal  
mariadulcepombo@gmail.com

DOI:10.3395/recis.v5i4.555pt

### **Resumo**

Este artigo pretende apresentar o sistema ou método de Raspail, uma terapêutica em voga em meados do Século XIX em Portugal, que se apresentava como alternativo às práticas terapêuticas oficiais, oferecendo um manual prático e acessível a todas as pessoas. Numa época em que a arte de curar oscilava entre as concepções dominantes que já vinham de períodos históricos anteriores e a Medicina Experimental, esse método entrou na casa e na vida dos portugueses, contribuindo para uma alternativa à ineficácia da assistência prestada pela Medicina e Farmácia clássicas. A sua utilização foi assimilada no cotidiano e chega aos dias de hoje assumindo múltiplas formas e processos de orientação das práticas terapêuticas classificadas como saberes tradicionais. Recorrendo a fontes históricas, pretendemos analisar a sua importância, descrever e compreender o seu alcance enquanto instrumento heurístico de discussão da saúde e da doença no Século XIX.

**Palavras-chave:** Sociologia; Saúde; Século XIX; História; Modelos Terapêuticos; Raspail

### **Introdução**

Para compreendermos o presente, consideramos fundamental recorrer à história enquanto instrumento que nos permite uma aproximação maior com os contextos de criação de lógicas explicativas para os fenômenos: nesse caso, a saúde e a doença. O Século XIX foi, sem dúvida, um tempo histórico povoado por múltiplos sistemas explicativos sobre a saúde e a doença, marcando um período de lutas e de poderes entre a Medicina Científica, que almejava dominar esse campo, e as outras 'medicinas' e terapêuticas que povoavam o cotidiano das práticas.

Anteriormente àquele século, a visão holística dominava não só a visão dos práticos como dos acadêmicos, e os curandeiros estavam preocupados em restituir o "funcionamento normal" do organismo como um todo. Até finais do Século XVIII, a doença era interpretada numa mistura de ambientalismo e de humores. As terapias preventivas que normalizavam e reajustavam os desequilíbrios, obrigavam à drenagem de um humor que tivesse aumentado muito, recorrendo à sangria, purga, vômito ou outras.

Na Medicina Humoral, a profilaxia ou prevenção era tão importante como a terapêutica. A melhor maneira de manter a saúde passava pela moderação do que se comia e bebia, do que se vestia, da qualidade do ar que se respirava, do exercício e do descanso, das excreções e retenções e das emoções ou paixões (LINDEMANN, 2002).

Apesar de esses princípios terem passado por várias adaptações ao longo do tempo, apareciam, na primeira metade do Século XIX, como referência para os que estudavam Medicina, servindo de base a muitas doutrinas terapêuticas que surgiam. Ao longo do Século XIX, vários eram os métodos e manuais que difundiam as práticas terapêuticas e as regras de higiene que foram tornando indispensáveis as sangrias, as purgas, os vomitórios, os suadouros, entre outros. Sacks (2003) acrescentou que as teorias heroicas, baseadas na sangria e na purga, eram ainda muito utilizadas pelos médicos ingleses do Século XIX e que, mesmo com os avanços das técnicas de assepsia e anestesia, não eram aplicados de uma forma significativa antes de 1858.

Com a escassez de médicos, com qualificação por vezes duvidosa, havia maior probabilidade de determinados manuais de medicina caseira ou popular penetrarem nas casas das famílias que buscavam remédio para as mais diversas maleitas. Foi assim que o Manual de Raspail surgiu no reino de Portugal e se reproduziu na sua versão original, assim como em partes, para mais bem informar os leitores de periódicos e revistas:

*(...) Tiveram estes livrinhos às vezes cruéis, sempre cintilantes e de um “entrain” imprevisto, um salutar efeito nos costumes sociais e domésticos de nossa gente. Com eles entrou em muita casa a abundância de ar e de água e a luz que até ali era considerada supérflua. “As Farpas” contribuíram com Raspail e Pasteur na obra de desinfecção aplicada aos “ménage” portugueses. A influência moral foi também enorme. (Maria Amália Vaz de Carvalho, As Farpas, apud. Viana Moog, Eça de Queirós e o século XIX, cit. Mérian 2007, p. 216, Revista Convergência Lusíada, nº 24)*

Esse manual oferecia terapêuticas menos dolorosas, alternativas às que vinham sendo divulgadas e praticadas até então. A terapêutica de Raspail, a par com a homeopatia, era apresentada no Século XIX em Portugal como um sistema ou medicina alternativa perante a ortodoxia terapêutica que se instituiu. Porter (1994) defendeu que a denominação de medicina alternativa é um termo usado para determinar praticantes de medicina que adquiriram o poder de desenhar a fronteira entre o sistema médico e os desviantes, por meio de uma autoridade legalmente profissionalizada.

*“(...) Os outros praticantes que ofereciam métodos alternativos de tratamento nas curas milagrosas - definidos como charlatães -, serão objecto de denúncia continuada, tanto mais que o código penal estipulava ser passível de pena de prisão o exercício da medicina sem título (...)” (Medicina Contemporânea, I Anno, nº 9, 4-III-1883, p. 69). Tratava-se de lutar contra os charlatães, os empíricos e as pessoas sem credenciação e sem capacidade reconhecida, que exerciam a medicina (FOCAULT, 2006).*

Essa corporação médica, evocando a manutenção dos padrões profissionais, foi fechando o exercício profissional, mantendo um baixo número de praticantes. Esse fato favoreceu a marginalização e a estigmatização de outros profissionais médicos (PORTER, 1994), obrigando esses praticantes de outras medicinas a um lugar a que eles próprios apelidavam de charlatães.

*“ (...) A distinção entre charlatanismo e ortodoxia é essencialmente social. Os charlatães são aqueles médicos que foram excluídos do poder e do privilégio profissionais. (...) Ao longo do século XIX foram concedidos aos médicos ortodoxos ainda mais poderes na saúde pública no seio do estado (...)” (PORTER, 1994, P.64-65).*

Para haver uma medicina alternativa, tem que existir uma ortodoxia reconhecida ou pelo menos estável, relativamente à qual se contraponham. Foi preciso esperar pelo Século XIX para que tal ortodoxia emergisse no campo da saúde e da doença ocidental (BIVINS, 2007).

Este artigo pretende apresentar a importância que o “Livro d’Ouro” ou método Raspail teve no meio social e terapêutico da época. Assim como convidar os leitores a uma análise sociológica de diferentes sistemas terapêuticos, que poderão contribuir para a melhor compreensão das racionalidades subjacentes em torno da saúde e da doença e as pluralidades terapêuticas no Século XIX em Portugal.

### **Métodos e fontes utilizadas**

Este artigo integra parcialmente um estudo efetuado no âmbito do mestrado em Sociologia da Saúde e da Doença do ISCTE do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, onde se pesquisaram os *Modelos Terapêuticos em Movimento no Portugal do Século XIX, procurando debelar os atores, os discursos e as controvérsias*. O sistema ou método Raspail foi um dos 13 sistemas terapêuticos inventariados na pesquisa documental realizada.

Numa tentativa de melhor mapear esses modelos terapêuticos, recorremos a registros e análise de documentos referentes ao espaço temporal do Século XIX em Portugal. Dos periódicos, destacamos as *Gazetas Homeopáticas Portuense e Lisbonense, Gazetas Médicas, O Jornal das Ciências Médicas de Lisboa, o Jornal do Médico, o jornal O Instituto de Coimbra, o jornal O Médico* e as revistas *Medicina Contemporânea, Universal Lisbonense* e a *Médica Portuguesa* de Lisboa, entre outros. Foram consultados alguns almanaques, folhetos e literatura, assim como livros médicos editados na mesma época histórica.

A leitura desse tipo de textos teve como principal objetivo aceder a uma leitura do seu tempo de forma a melhor compreender os palcos e os atores desses movimentos. Os livros de história de medicina que tivemos a oportunidade de ler, na sua maioria escritos por médicos, apenas pincelaram muito parcialmente esses sistemas e, na maioria dos casos, com críticas mordazes aos sistemas alternativos à medicina oficial que se ensinava nas escolas. Por essa razão, mergulhar nos registros empoeirados do tempo permitiu-nos, de uma forma mais realista, traçar as várias racionalidades médicas no Portugal de oitocentos.

A história portuguesa das terapêuticas poderá ser escrita de várias formas. Uma possível é a de relatar as histórias dos progressos da medicina escrita pelos médicos da época e dos historiadores que relataram esses feitos; a outra é a de entrar no passado e trazer os relatos que alguém se esqueceu de relatar por pensar que eram menores. Entrar no passado com um olhar sociológico, respeitando todos os heróis da época, não deverá pressupor relatar apenas o desenvolvimento da medicina mas também trazer os gênios, os iluminados e os esquecidos. Atores que, na época, mais ou menos acreditados ou isolados, tiveram o seu palco e que, como atores sociais, estiveram dispostos a contribuir para a história da ciência.

*A história é considerada uma arma preciosa para esta libertação intelectual a respeito das categorias de pensamento instituídas. Não que os sociólogos tenham que ser historiadores, mas devem saber analisar essa dimensão histórica dos fenômenos que estudam, de forma a perceber claramente que a(s) sua(s) configurações são plurais, relacionam-se intimamente com os contextos onde se inserem e ganham sentido e formas. (ALVES, 2011, p. 96)*

Marc Bloch falava na Sociologia como um satélite da História, e Norbert Elias (2001) da importância da interdisciplinaridade entre História e Sociologia, discutindo a relação entre a Sociologia e a História, em que a Sociologia se ocuparia das sociedades e a história, por sua vez, se ocuparia dos indivíduos. Não queremos partir da ideia de medicina ou não medicina. Nesta pesquisa, queremos apenas trazer os relatos que foram proferidos, os manuais que foram publicados, os sentidos neles relatados e as ações neles baseadas. Trata-se de nos aproximarmos da História que nós não conhecemos, que não está analisada, que é 'não-história' ainda. Não nos norteou a ideia de conflito ou oposição entre sistemas médicos, senão apenas apresentar acontecimentos:

*(...) Todos os acontecimentos, descobertas e ideias acabam um dia por ser contestados, mas até os perdedores a história referencia (...) esta história é também revisionista. Faz parte do que agora se chama a nova história da medicina e igualmente, da recente história social da medicina (...) durante muito tempo a história da medicina podia ser corretamente descrita como iatrocêntrica, Isto é, os médicos escreviam a história da medicina (...) concentrando-se em biografias e bibliografias, teoria e práticas da medicina. Estas histórias eram essencialmente subjectivas (...) produzia crônicas exultantes do progresso médico e inflamadas biografias dos médicos pioneiros (...). (LINDEMANN, 1999, p. 1-2)*

Durante séculos, assistimos ao fato de as teorias holísticas e a medicina alternativa terem entrado em conflito, por oposição, com as teorias mecânicas da doença, postulando que a saúde e a doença envolvem a pessoa como um todo. A doença é uma moléstia não apenas do corpo e que esse tem a capacidade de se regenerar com mudanças de estilos de vida. Pessoas leigas que, descontentes com a medicina corrente e com a forma como a igreja via a doença como uma punição, procuraram construir uma filosofia de vida saudável.

*(...) Todas entraram em conflito com a medicina convencional. Cada uma falava a sua própria linguagem, a de que todo o sistema da medicina alopática estava radicalmente errado. Caracteristicamente elas acusaram o ortodoxo de lutar contra as doenças corriqueiras com drogas venenosas. Cada uma delas oferecia um novo plano de vida baseado nas tendências da natureza defendendo o uso de métodos naturais de cura (...). (PORTER, 2001, p.116)*

Cada uma declarava investir no indivíduo, com um novo controle sobre a sua saúde. O holismo estava novamente na moda, prometendo não a abordagem da "pílula para todos os males", mas, em vez disso, uma saúde mais positiva. Teorias e posturas que não foram vistas com bons olhos por parte de uma profissão médica em ascensão ao longo do Século XIX. Sem querer criar assimetrias de quem está certo ou errado, se cientistas ou charlatães, procuraremos apresentar a sua luta em prol da saúde. É a nossa obrigação, ao estudar o passado. Não julgar, mas tentar perceber os filamentos da teia dos movimentos terapêuticos que persistiam em querer contribuir para a teia da saúde em Portugal.

### **Saúde portuguesa até meados do Século XIX**

No início do Século XIX, não era risonho o estado da saúde em Portugal. Era uma época de grandes carências humanas, às quais as Misericórdias faziam o possível e o impossível para minimizar o sofrimento e bem cumprir a sua missão de assistência.

O flagelo das invasões francesas deixara em completa pobreza milhares de famílias. Por todo o lado, aumentou o número de indigentes e era elevado o número de crianças expostas à doença.

(OLIVEIRA, 1992, p. 36). Acreditava-se que a decisão entre a vida e a morte estava nas mãos de Deus e que não cabia à ciência interferir nesse processo. Foi o que sucedeu a Dom José, herdeiro do trono e irmão mais velho do príncipe regente Dom João, que morreu de varíola porque a sua mãe, Dona Maria I, tinha proibido os médicos de lhe aplicar uma vacina, por acreditar que só Deus poderia dispor da vida do seu filho (CALMON, 1959).

Quando, no primeiro quartel do Século XIX, muitas povoações ficaram sujeitas ao flagelo da peste, os poucos clínicos e cirurgiões não chegavam, e os meios ao dispor das populações eram reduzidos. A ausência de um corpo clínico satisfatório contribuiu para a grande mortandade que ocorreu em 1837, quando a varíola entrou pelo país, e o rei foi na altura informado de que nas ruas de Lisboa os guardas noturnos encontravam pessoas doentes, (SERRÃO, 1989).

Além da falta de médicos e da vaga de epidemias que assolava a Europa, outras causas contribuíam para o agravamento da saúde em Portugal na primeira metade do Século XIX. A falta de assepsia contribuiu para que as doenças proliferassem:

*(...) As cidades do reino continuavam com graves problemas de insalubridade, cheias de lixo um pouco por todo o lado, (...) Eram espaços naturalmente conspurcados (...) animais que se passeavam pelas ruas, nomeadamente cães vadios, vacas e cabras dos leiteiros, a par de animais de transporte como cavalos, burros e bois (...). Para este quadro contribuíam os muitos rebanhos que atravessavam as cidades na época da transumância, agravando ainda mais a falta de limpeza das ruas não pavimentadas.*(BRAGA, 2001, p.129, in MADUREIRA, 1990 p.53).

Com os poluentes que emitiam, as fábricas, os matadouros, tripeiros e fressureiros, com o abate e tratamento de vísceras dos animais, faziam com que nas cidades proliferasse a sujeira e o mau cheiro. O fato de que as águas sujas podiam contaminar a saúde pública fez com que, em 1837, o Conselho de Saúde começasse a formular pareceres negativos, tendo em conta a necessidade de afastar tais atividades do centro das cidades, (BRAGA 2001).

Se a higiene urbana do Século XIX era deficiente, quanto à higiene pessoal muito havia a fazer. As roupas de casa, assim como as de uso pessoal, só eram mudadas quando se apresentavam muito sujas. A regularidade dos banhos caseiros surgira como uma grande novidade apenas no findar do século, com os tratados de hidroterapia que reclamavam a excelência dos tratamentos das águas (AIRIÉS, 1990). Era frequente o recurso à queima do vestuário e da roupa de cama dos enfermos, especialmente em tempo de epidemias. O médico José Pinheiro de Freitas Soares (1769-1831) propôs, em 1818, uma técnica para lavar as roupas de pessoas doentes, técnica essa que passaria por várias fases, de forma a garantir a não propagação do mal às lavadeiras (LE MOS, 1991).

Além das epidemias, os portugueses oitocentistas padeciam de um vasto leque de doenças infecciosas e doenças de nutrição. Destacavam-se as úlceras e outras maleitas gástricas; doenças venéreas; doenças de pele; bronquites; reumatismo; febres; pneumonias; alienação mental; lesões de coração e contusões que, em muitos casos, levavam à morte e a vários padecimentos, (CARVALHO, 1929).

Os tratamentos mais comuns continuavam a ser as fricções, os vomitórios, os purgantes, a quina, o éter, a sangria, e era muito comum o uso de sanguessugas. Um século ainda profundamente impregnado de ambientalismo e de humores na interpretação das doenças e que se manteve até ao último quartel numa situação de penúria médica, pois muitas populações na raia de Espanha costumavam chamar os médicos vizinhos (LINDEMANN, 2002,). Nas zonas rurais, a medicina doméstica ocupava um lugar de destaque, e a saúde passou, não só pelas mãos de pessoas qualificadas, como também pelas dos curandeiros, que eram alheios à medicina moderna e à farmácia química. Na sua maioria, as pessoas preferiam curar-se em casa ou recorrer aos barbeiros e curandeiros, sendo o hospital o último de uma variada lista de socorros (BRAGA, 2001).

Em quase todos os conselhos do reino, os facultativos se queixavam por ver prejudicados os seus interesses e desconsideradas as suas habilitações científicas (Gazeta Médica de Lisboa, de 16/8/1859). No ano de 1822, as Cortes Constituintes discutiam a existência de impostores que se apelidavam de médicos:

*(...) Disto mesmo se estão queixando todos os estrangeiros escritores de terapêutica, porque em todas as nações tem havido o mesmo desmazelo (...). Necessidade da extracção da classe dos impostores ou homens que curam de Medicina sem serem médicos (...) proibir-se inteira e absolutamente, o poder de receitas de, em toda e para qualquer moléstia, a todos os que não forem legítimos facultativos de Medicina isto é: a todos os que não são bacharéis formados em Medicina pela Universidade de Coimbra, ou*

*por alguma outra acreditada (...), Discussão nas Cortes Constituintes de 1822. (OLIVEIRA, 1992, p.119)*

As denúncias foram continuadas por parte dos facultativos, contra os outros praticantes que ofereciam métodos alternativos, até ao fim do Século XIX:

*(...) A insistência dos médicos neste domínio demonstrava alguma incapacidade do estado, que ainda em 1912, se diziam incapaz de fazer cumprir as leis; e mostra igualmente as dificuldades dos facultativos para assegurarem a exclusividade profissional numa sociedade em que a evocação da ciência e a posse do diploma ainda não bastavam. É que longos estratos da população portuguesa pareciam mais confiantes em métodos tradicionais (...). (GARNEL, 2003, p. 219)*

Apesar dos esforços, o uso de medicamentos elaborados em casa, ou por alguém que se sabia capaz, não era prática apenas de alguns, atingia as camadas mais elevadas da sociedade da época, como a rainha, Dona Maria I, que, em 1844, por se sentir "definhar", mandou chamar um curandeiro de Famalicão, porque os seus médicos não a conseguiam libertar do incômodo. Os boticários eram valorizados pelo seu conhecimento químico, realizavam consultas e confeccionavam as drogas secretas. (LEMOS, 1974).

Relativamente ao melhor método terapêutico, até meados do Século XIX, os médicos ou facultativos, oscilavam entre as concepções dominantes do século anterior e a ciência, cada vez mais experimental (MIRA, 1947). Parecia viver-se num reino onde todos podiam chegar perante as incertezas terapêuticas que a medicina ortodoxa da época oferecia. Foi nesse ambiente que surgiu o sistema ou método Raspail em Portugal.

### **O Manual de Saúde de Raspail**

O químico francês François Vicente Raspail (1794-1878), membro da Academia da Faculdade de Medicina de Paris, editou em 1845 o *Manual de Saúde, ou medicina e farmácia domésticas*, uma obra que teve grande aceitação não apenas na França, mas também no resto da Europa.

Tratava-se de um livro de fácil consulta e no qual o leitor ia aprendendo página a página a reorganizar todo o seu espaço físico, aprendendo a gerir a sua dieta alimentar e a ter cuidado com os elementos externos agressivos ou nefastos à sua saúde. Além das regras de higiene, fornecia também os elementos necessários e as fórmulas ideais para a elaboração dos medicamentos do sistema Raspail.

Com esse Manual de Saúde, o autor pretendia ensinar a todas as pessoas os métodos de cura e de conservação da boa saúde sem recurso a médicos e farmacêuticos, prescindindo da medicação e de todos os venenos. Os médicos franceses da época tudo fizeram para provar que o seu livro era um atentado à saúde pública, acusando-o por várias vezes de exercício ilegal da medicina. Apesar de várias denúncias, apenas foi multado por se ter recusado receber o diploma de médico que a faculdade lhe tinha oferecido.

*(...) Tenho visto, nos hospitais, casos de aplicação de causticos que me faziam arrepiar, e creio que é a estas sortes de espectáculos das barbaras aberrações da medicina, que sou devedor de nunca me querer matricular em medicina. Não me sentia com coragem de fazer n'isto como todos, e não tinha ainda descoberto o meio de o fazer de outro modo e de uma maneira menos revoltante, Então era muito cedo, hoje é muito tarde. O que tenho descoberto é tão simples que todos o poderão fazer por mim; como poderia eu chamar-me doutor, quando todos vão ver, sem muita dificuldade, tão doutos como eu? (...). (RASPAIL, 1884, P. 105)*

Raspail reduziu as causas das doenças a nove classes: asfixiantes, que resultavam da falta ou impureza do ar, ou envenenamento miasmático; térmicas, resultantes do excesso continuado de calor ou de frio, ou a passagem repentina de uma a outra; traumáticas, que tinham a ver com contusões, fraturas, esmagamento de ossos, chagas e feridas de qualquer natureza causadas por instrumentos contundentes, perfurantes ou cortantes; acantogênicas, quando acontecia a introdução nos tecidos corporais de espinhas, arestas, pó de celeiros, pêlos vegetais e pequenos corpos que respiramos levantados pelo vento; phimatogênicas, resultantes da introdução nas diversas cavidades dos nossos órgãos de sementes ou substâncias que incham com a umidade e podem causar obstruções; entomogênicas ligadas ao parasitismo interno de ovos aquáticos, vermes, larvas, moscas, lagartas, insetos, piolhos, pulgas, percevejos, lombrigas intestinais, que se apoderam do homem no berço; tóxicas, pela ingestão ou aspiração de venenos; dietéticas, que provinham da privação, do excesso, da insuficiência ou da má qualidade dos alimentos ingeridos e, por último, as doenças por causas

morais.

Para ajudar a combater os problemas de saúde relacionados com essas nove classes, Raspail recomendava o uso de algumas substâncias e vegetais, como o álcool a 40º; aloés; amoníaco líquido a 22º; calomelanos (subcloreto de mercúrio protocloreto, usado como purgativo; cânfora purificada; banha de porco; feto macho (raiz em pó); ruiva dos tintureiros em pó (também conhecida por granza e usada nas tintureiras); alcatrão da Noruega; romeira (casca da raiz); romã; óleo de rícinos e aloés.

### **A terapêutica de Raspail**

Toda a terapêutica, procedimentos e elaboração da mesma constava do Manual de Saúde ou Medicina e Farmácia Doméstica. Estava dividido em três partes, com 40 capítulos e duas seções. A primeira parte dedicava dez capítulos às causas das doenças; a segunda parte compreendia mais 30 capítulos sobre a farmácia doméstica, a preparação e o emprego dos medicamentos segundo o método de Raspail; e a terceira parte dividia-se em duas seções dedicadas aos tratamentos das moléstias mais comuns.

Ao longo dos capítulos, da primeira parte, o leitor ia aprendendo sobre o cuidado a ter na higiene da casa em geral:

*(...) Escolhei uma habitação exposta ao sol, ao abrigo das emanções das lagoas, dos rios, das fábricas, e estabelecimentos insalubres. Não habiteis nas lojas, nem nos quartos rentes ao chão, por causa da sua humidade, nem nas sobrelojas ou sótãos, e nas águas-furtadas, por causa da sua pouca elevação ou pé direito, que vos expõe a não respirar outro ar senão aquelle que já tem sahido dos nossos pulmões; mas sim em casas com chaminé, com tecto elevado, com largas janelas abertas ao nascente, ao meio dia ou pelo menos ao ponte (...). (RASPAIL, 1850, Capitulo II, p. 23)*

A decoração da casa, principalmente o quarto de dormir, deveria ser isenta de elementos que pudessem atrair insetos ou cheiros. As paredes não deveriam ter outra decoração a não ser boa pintura a óleo, ou um papel pintado e colado com cola de peles aromatizadas sob o fogo com pimenta preta, cânfora e aloes. A lã dos colchões deveria ser misturada com pimenta preta, ou bocados de cânfora e, nas áreas usadas pelas crianças, aconselhava folhas escolhidas do feto das matas. Os assoalhos dos quartos deveriam ser encerados em vez de lavados, e a cama deveria ser exposta ao ar.

Eram também ensinadas técnicas para construir as chaminés para que os fumos e gases não se concentrassem nas cozinhas, a fim de evitar a contaminação dos restantes cômodos. Seguiam-se as instruções sobre como desinfetar as latrinas e os cuidados a ter com a roupa pessoal dos adultos e das crianças:

*(...) Mudae a miúdo de roupa branca tendo uma de dormir e outra para o dia. Vesti-vos largamente, amplamente e com simplicidade. O que basta abriga, e o que é demais fatiga; a largura multiplica a força prestando-se á flexibilidade; a estreitesa enerva e asphyxia (...) Cobri os vossos filhos na primeira idade, não os aperteis: a faixa deve vesti-los e não encarcera-los. Logo que faz calor deixai-os mover no sao ar e á luz (...)* (RASPAIL, 1850, Capitulo III, p. 27)

Raspail dedicou dez páginas a receitas de confeccionar carnes para curar gastrites, assim como para manter uma boa saúde. A alimentação, qualidade dos alimentos assim como na sua confecção e higiene com que deveriam ser preparados, eram também contemplados:

*(...) A arte da cozinha é para a hygiene o que a farmácia é para a medicina: uma boa cozinha previne a doença (...) Regulae vossas comidas, pezae quasi vosso nutrimento, variae vossas iguarias (...) Não vos sirvaes, quanto á água de beber, e para a cosinha, senão de água de fonte, mas bem clarificada. Nos campos não vos sacieis com a dos poços, ou dos charcos; podem-se ingulir até pequenas sanguessugas sem o perceber (...)* O vinho simples é mil vezes preferível ao mais deliciosos vinhos do comércio (...). (RASPAIL, 1850, Capitulo III, p. 30)

Ensinava a confeccionar os melhores acepipes para a digestão, os molhos e os condimentos, ideias para peixes carnes e sobremesas. As saladas eram aconselhadas para facilitar as digestões.

Prevenia contra os envenenamentos, e os cuidados a ter com remédios prescritos pela medicina e usados na indústria. Como o mercúrio, os venenos vegetais e animais, ácido prússico, estricnina, morfina, meimendro, beladonas e digitalis.

As mudanças de temperatura também estavam contempladas com uma série de recomendações, assim como alguns conselhos de higiene de vestuário:

*(...) Não saiaes nunca de inverno das vossas habitações sem vos cobrires com mais alguma cousa, e não entreis sem ter menos alguma cousas sobre o corpo. (...) Imitae nossas aldeas; ellas vão ao mercado em todas as estações, e a toda a hora da noite, e constipam-se menos vezes (...) O uso de trazer flanela sobre a pelle, tão útil no inverno, é indispensável no verão (...) evitae correntes de ar (...).* (RASPAIL, 1850, Capítulo V, p. 52).

Raspail também recomendava métodos de higiene e limpeza dos quartos em colégios, quartéis, hospitais e prisões.

No Manual de Saúde, os espinhos, as lascas, as arestas e os pós-irritantes foram tidos como elementos altamente nocivos para a saúde. E dava instruções para evitar o parasitismo interno ou externo de insetos, como os ácaros, os percevejos e as pulgas, e de parasitas, como as lombrigas, a tênia ou solitária.

O primeiro capítulo terminava com as doenças morais, aconselhando a estudar bem o mecanismo de todos os males físicos que resultassem de causas morais, tais como o deboche, a libertinagem, a vergonha, o medo e os remorsos.

Na segunda, apresentava mais 28 capítulos com a preparação e uso da farmácia doméstica do sistema Raspail. Ensinava a preparar a famosa água sedativa em três fórmulas possíveis, a ordinária, a sedativa média e a sedativa muito forte, e a forma como se manuseavam os compostos era descrita de uma forma clara e passo a passo. Era vendida e recomendada para variados tratamentos, principalmente para as febres, devido a suas propriedades alcalinas.

Outras águas eram também usadas na terapêutica de Raspail. A água salgada, a água de ostras, e limonada salgada, mais indicadas para os problemas de garganta, e a água de alcatrão, que favorecia as urinas e era muito recomendada para tratamentos ginecológicos.

O aloés ou *soccotrino*, também muito usado, não era caro e comprava-se para dissolver em água ou em álcool ou para ser tomado em pó. Além da via oral, era muito usado em clísteres e para favorecer as digestões.

Os banhos eram muito importantes na terapêutica de Raspail, principalmente os banhos sedativos ou alcalino-férricos. Eram indicados para febres, dores reumáticas, curvaturas da espinha, paralisia dos membros; doenças do fígado, dos rins, do útero, das vias urinárias; da raiva e manias furiosas, da embriaguez, apoplexia fulminante e delírio. Os banhos sedativos eram aconselhados, de forma prudente, na maneira, no tempo e na quantidade de banhos a tomar. Deveriam ser tomados por adultos ou crianças de seis em seis dias até desaparecer completamente o problema a tratar.

Eram também muito recomendados nessa terapêutica de Raspail os banhos de sangue contra a paralisia, os desvios da coluna vertebral e para os problemas de excesso de mercúrio no corpo. Esses banhos obedeciam a um ritual específico e, geralmente, eram tomados no matadouro:

*(...) Coloca-se todo o corpo de individuo, se a doença é geral, ou tão somente os membros doentes, se é parcial, debaixo do jorro quente que sae da veia do animal. A pessoa embrulha-se n'um lençol e expõe-se ao sol, ou perto d'elle, se faz muito calor, e logo que o sangue forma crosta, limpa-se a pele com uma escova macia, e depois lava-se com água e álcool camphorado, ou água de colonia e água comum. (...)* (Annaes de Medicina pelo Systema Raspail, 1865, Nº 17, p.103)

Era recomendado que fossem realizados todos os dias até que a doença desaparecesse, e quem não se pudesse deslocar ao matadouro poderia realizar o banho em casa usando sangue de frango, coelho, pombo ou de outro animal.

De todas as substâncias usadas, a mais popular era a cânfora, que, aliada ao álcool, era usada externamente como antisséptico e cauterizante, mas também era usada internamente. O pó de cânfora era usado para cheirar ou para fumar. Para a sua melhor utilização, Raspail explicava no livro as três diferentes fórmulas de obter o pó que seria usado para tratar dores de cabeça e enxaqueca e para cobrir as feridas de forma a suspender a formação de escaras, o pus de má natureza e a gangrena. Era usado também para tratamentos nas partes genitais.

O pó era usado para fabricar artesanalmente as famosas cigarrilhas de cânfora de Raspail, usadas para fazer chegar o tratamento às superfícies pulmonares.

A romã era indicada para problemas de tênia nos intestinos e eram também aconselhadas chapas, placas, sondas e pessários galvânicos, de cobre ou zinco para tirar do organismo o mercúrio, o arsênico e outros males.

Os clísteres variavam na sua composição como o aloés, sementes de linho em grão, rosas rubras e tabaco:

*"(...) Acontece algumas vezes, principalmente às mulheres, que o clyster com tabaco produz por um instante narcotismo e embriaguez. Não é o caso de assustar; deitar uns instantes sobre a cama, e cheirar vinagre; e logo se ficará inteiramente restabelecido, e livre de efeitos do mal e dos do remédio (...)"*. (RASPAIL, 1884, p. 85)

Ensinou como se realizavam e aplicavam os curativos de chagas, de feridas e de ulcerações; como se preparavam os gargarejos a que Raspail chamava de *clysters da boca*.

As infusões, decoctos ou tisnas e as macerações faziam parte dos remédios da natureza, e as injeções serviam para a limpeza realizar os clísteres genitais, dos ouvidos, do nariz, das fístulas, das chagas. Entre as substâncias usadas para o fabrico de remédios destacavam-se o iodoreto de potássio e a *mostarda do comércio* para tratar males de pele; o óleo de ricínio para as náuseas, ácido de potassa e bergamota para pastilhas para mau hálito; o pó de raiz de feto-macho para problemas do aparelho digestivo; pó de raiz de ruiva de tintureiro para problemas de ossos, a raiz de romeira e vinho branco granatisado (com romeira), contra a tênia, e o vinagre canforado para purificar o ar dos quartos, em casos de desmaio, em gargarejos, em carbúnculos de peste, moléstias contagiosas. Seguiam-se os quatro xaropes, as suas composições e indicações.

No último capítulo da segunda parte, Raspail dedicou três páginas a explicar aos leitores as razões pelas quais suprimiu da sua terapêutica uma grande lista de tratamentos e medicações que era uso ser praticada pela medicina da época:

*(...) Suprimimos a sangria, local ou geral, quer seja pelas sanguessugas, pelas ventosas escarificadas ou pela lanceta (...) evacuando-se os vasos sãos, não se desobstruem os vasos doentes (...9 se o sangue estava viciado, tanto estará o que fica, como estava o que se extrahiu (...) para que recorrer as estes meios sanguinários e violentos? (...) Eu suprimo os visicatórios e os cautérios (...) a natureza não creou uma doença para curar outras; foi a medicina escolastica que criou este absurdo (...) os visicatórios offerecem outra qualidade de perigo (...) um envenenamento endermico, (...) Suprimo a polypharmacia, porque com poucos remédios posso occorrer a todos os males. O médico não recorre á multiplicidade dos remédios senão quando tem esgotado os seus recursos, ensaia e tactêa á custa do restante da saúde e das economias do doente; (...) (...) a fome complica horriavelmente toda a espécie de doenças. (...) Suprimo com os sães venenosos, o emprego de sulphato de quinina, este grande logro medico (...) que se algumas vezes triumphá da febre, é a custa de gastrite e de inflamações nos intestinos. (...) Suprimo(...) todo o meio violento, porque o fim da arte de tratar os doentes é de lhes dar o mais prompto allivio, e porque a medicação não deve nunca parecer uma tortura, uma vingança, uma punição. (...) Suprimo as applicações da neve, principalmente sobre o craneo, (...) Suprimimos igualmente, e de maneira mais severa, o emprego das aspirações do ether, e mormente do chlorofórmio, os quais nãp conjuram a dor senão com o perigo de fazer perder a vida. ( RASPAIL, 1884, P. 103-104-105-106)*

A terceira parte dividia-se em duas seções, sendo que na primeira aconselhava mais detalhadamente porque é que algumas doenças se formavam dando indicações para manter uma boa saúde. O propósito era que cada leitor aprendesse a ser o médico de si próprio e, para tal, deu exemplos variados e exortou que fosse sempre seguido o regime higiênico da primeira parte do livro.

Seguiam-se 16 conselhos para manter a saúde, como os conselhos a ter com o frio e as correntes de ar, a altura que o teto das casas deveria ter para evitar os efeitos nocivos dos fogões de lenha; os cuidados a ter com a mudança de roupa pessoal; as horas ideais para as refeições e os descansos após as mesmas; quais os melhores vinhos e como tomar; o bom tempero para combater problemas de saúde; conselhos para estudantes; conselhos para ter uma noite descansada e a importância do sono; cuidados a ter com as crianças de peito; o cuidado a ter com os excessos de fadiga do corpo e prazeres; conselhos sobre uma vida regrada, honesta, exortando à lealdade na família, no trabalho e nas amizades; a verdade como um valor essencial para a tranquilidade interior, "(...) O mentiroso e o

velhaco soffrem ainda mais dos que os que elles fazem soffrer. Não se pode viver tranquillo e bem senão com a verdade (...)" (RASPAIL, 1884, pp. 110)

Na segunda seção, ao longo de 110 páginas, era apresentada uma longa lista de moléstias e as indicações terapêuticas para cada uma em particular. E terminava com 19 páginas intituladas *Manual de Veterinária ou arte de curar as moléstias animais*, onde explicava as terapêuticas para vários tipos de problemas que podiam fazer padecer os animais domésticos.

### **O sistema ou método Raspail em Portugal**

A meados do Século XIX não existia consenso relativamente ao número de sistemas médicos ou medicinas praticadas em Portugal. Em 1843, no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, discutiam-se e analisavam-se as doutrinas médicas que dominavam noutras escolas da Europa e faltava consenso relativamente ao número de sistemas médicos que estavam em voga e se praticavam no Reino de Portugal. Em 1859, escrevia-se sobre a existência de vários sistemas médicos ou medicinas: " (...) Treze medicinas se encontram em campo, na epocha actual (...)", (SINES, 1859,p.3), cada uma com as suas pretensões à excelência sobre as outras.

No ano anterior, em 1858, o Marechal Duque de Saldanha, num opúsculo dedicado ao Rei Dom Pedro V, fizera uma exposição de sete sistemas em que a medicina da altura se achava dividida. Nesses sete sistemas estava incluído o Sistema Raspail mais conhecido pela medicina racional. Pelas leituras realizadas, situamos a chegada desse sistema a Lisboa por volta de 1822, através de *Francisco Augusto Nogueira da Silva*, um homem das artes.

Depois de lhe ter sido diagnosticada uma horrível doença de olhos, em que esgotou todos os recursos da medicina escolástica e caseira, tentou, então, curar-se com a medicina de Raspail. Comprou um manual, leu com grande dificuldade algumas páginas onde encontrou remédio para a sua doença, tendo recuperado a visão. Mais tarde, usou o manual para tratar doentes, tendo ficado conhecido como o "Médico de Entre Muros" por habitar naquela artéria de Lisboa. Foi alcunhado de curandeiro pelos farmacêuticos vizinhos, fato esse que o obrigou a mudar de casa. (MORENO,1997)

De que se tenha conhecimento, o primeiro livro de Vicente Raspail foi editado em Lisboa com o título *Manual Anuario da Saúde para 1849, ou medicina e Pharmacia*. A segunda tradução é editada em 1850, em Lisboa, com a intenção que chegasse a todos os que, precisando tratar-se, não dispunham de meios financeiros para tal:

*"(...) todos sabem que em Portugal, como em outro qualquer paiz, nem todos têm dinheiro para pagar a um facultativo, e muitas vezes o abandono das doenças ordinárias, faz que ellas se tornem chronicas, ou incuráveis pelo decurso do tempo (...)"* (RASPAIL, 1850, p. IV).

Naquele mesmo ano, o *Jornal das Ciências Médicas de Lisboa* edita um artigo sobre esse sistema. Era um jornal que tinha como função a discussão das novas ideias médicas. Em 1856, o mesmo jornal volta a publicar um artigo sobre o mesmo sistema.

Em 1851, surgiu a terceira edição em Lisboa. Na cidade do Porto foi editado mais um Manual, mencionando na capa que seria a quinta edição, mas, na pesquisa realizada aparece na ordem cronológica como a quarta edição. Na mesma cidade surgiram mais três edições, duas em 1863 e uma em 1867. No ano de 1884, também na cidade do Porto, foi editado este manual pela oitava vez e intitulado o "*Livro d'Ouro do Povo, Manual de Saúde ou Medicina e Pharmácia Domésticas*".

A primeira edição foi a única que apresentou um resumo sobre a história da Medicina ao longo de 91 páginas, assim como uma crítica ao estado de anarquia e caos em que se encontrava a Medicina e a arte de curar. Essa seria a razão invocada para que os leitores percebessem o sucesso editorial deste manual:

*"(...) aquella Manual teve este anno sua 3ª edição, tendo tido grande consumo na língua franceza, e tendo sido trazudido em varias outras línguas. Ente nós váe já lavrando o mesmo enthusiasmo como o original, e muito se fazia sentir a necessidade de sua tradução na nossa língua (...)"* (RASPAIL, 1849, em Advertência ao leitor, I-II- III)

A partir da primeira edição, esse sistema começou a adquirir vulto entre o povo da capital portuguesa como a Medicina salvadora, humanitária e milagrosa a que se recorria *in extremis*.

*"(...) Espalha-se, na capital, que existe uma medicina salvadora, e todos querem, por experiencia própria, conhece-la. Em 1851, abriu um consultório em Lisboa onde as consultas eram gratuitas para ricos e para pobres. A Sociedade Humanitária*

*Raspailhista promovia a clínica externa, tanto em Lisboa como fora desta (...).*" (SINES, 1859, p. 42-44)

Raspail abriu o primeiro consultório em Lisboa em 1853, na Rua do Arco da Bandeira 112, segundo andar, e pertencia a uma farmácia situada na Rua da Vitória 90-92. Esse consultório se manteve aberto ao público até 1867 com o mesmo programa terapêutico acolhendo toda a sorte de doentes que se encontravam sem apoio médico. Ao iniciar a atividade, editou um jornal, até 1857, com a finalidade de informar publicamente de todos os resultados médicos obtidos através do sistema Raspail. Por razões não apuradas, essa publicação foi encerrada, tendo mais tarde sido reaberta em outubro de 1865, passando a editar em Lisboa o jornal mensal *Annaes de Medicina pelo Systema Raspail*. Nele era exposta a filosofia terapêutica desse sistema, com demonstração de casos práticos das curas realizadas.

Escrevia-se da importância que a terapêutica de Raspail tinha tido no tratamento e prevenção da cólera

*(...) Quando a cholera apareceu, pela primeira vez em 1833, o tratamento então em voga era o facultativo fazer quantos disparates lhe suggeria a imaginação exaltada. Uns sangravam, outros bichavam. Alguns havia que punham sobre o estômago do paciente fortes synapismos ou o fustigavam com urtigas. Outros colocavam ao longo da espinha dorsal do desgraçado doente uma tira de panno de três polgadas de largura, untado com therebentina. Com um ferro quente fazia-se secar e aderir o pano á epiderme; depois o facultativo arrancava com força o apposito, e trazia agarrada á tira a pelle do miserável, que era victima de semelhantes barbaridades. O resultado foi morrerem quasi todos que foram atacados. Ora, em 1856, quando a cholera nos visitou pela segunda vez, a mortalidade foi muito mais diminuta, não foi isso por certo devido á mudança de teorias ou á emenda do tratamento que a medicina adoptasse; porque mutatis mutandis, achava-se ainda no mesmo estado em que se estava há trinta e dois anos, (...) Em 1833 havia uma única medicina em pratica, que extenuava o enfermo, prohibindo-lhe tudo o que podia habilitar para resistir á moléstia. Em 1856 havia outro systema a fazer concorrência, que fundado em diferentes bases, aconselhava inteiramente o contrario (...).* (*Annaes de Medicina pelo Systema Raspail*, 1865, Nº 1, p.12-13)

O Duque de Saldanha mostrou-se um adepto e grande dinamizador desse sistema tendo-lhe dedicado, no *opúsculo* ao Rei Dom Pedro V, mais de seis páginas. Considerou-o um benefício para a humanidade, tendo em conta que veio suprimir todos os meios terapêuticos "*martyrisantes*", assim como a "*polypharmácia*", permitindo que todos se vissem livres de tantas drogas no caso de maleitas simples, como as afecções de peito, garganta ou outras mais complexas.

Os defensores desse sistema valiam-se das estatísticas das curas realizadas no combate à cólera para poderem conseguir uma enfermaria:

*(...) a eficácia dos meios aconselhados pelo sábio Raspail foi posta em evidencia ante os olhos de toda a gente, e demonstrada pelas estatísticas que então publicamos. Enquanto pelo methodo das botijas, dos narcóticos e da dieta, morriam metade ou dois terços dos atacados, não perdiamos nós uns únicos doentes, tratado immediatamente, e que ficasse debaixo das nossas visitas, morrendo apenas um por nove, d'aquelles que já se achavam em tratamento, ou onde havíamos chegado tarde (...)* Nessa epocha pedimos nós ao governo, que destinasse uma enfermaria no hospital, para n'ella serem tratados os cholericos pelo systema de Raspail; a fim de que, comparadas as duas medicinas, se reconhecesse de qual dellas a humanidade tiraria mais proveito, e ser essa a que ficasse em exercicio; mas o governo ficou mudo e quedo perante o nosso pedido. Empenhamos para o mesmo fim o Duque de Saldanha, que acabava de recuperar a saúde com os nossos remedios, depois de ninguém lhe dar cura; esse mesmo nada pode conseguir, e o povo perdeu, quando tinha muito a ganhar (...).

(*Annaes de Medicina pelo Systema Raspail*, 1865, Nº 1, p.12)

O médico Guilherme Centazzi (1808-1875) queixava-se de falta de proteção, prometendo não abandonar o propósito de sustentar o sistema de Raspail, pouco protegido pela aristocracia das escolas. Defendia a sua dama e pedia tréguas de forma a terminar com preconceitos e rivalidades odiosas para que não se sacrificasse a saúde e bem-estar da humanidade com caprichos do orgulho ofendido:

*(...) Hoje esta medicina com muitos homens doutos, e competentes: médicos, lentes de escolas e universidades, capazes, de facto e de direito, de levantar qualquer luva*

*científica que lhes seja lançada (...) a Medicina de Raspail não é actualmente uma industria de curandeiros: se n'ella os há, também nós os vemos em todas as outras medicinas (...) Se os contemporâneos forem cegos, e surdos, a estas verdades, os vindouros se curvarão diante d'ellas sancionadas pela prova irrecusável dos factos. (...)* (Annaes de Medicina pelo Systema Raspail, 1865, Nº 7, p.44-49)

Em 1885, um grupo de portugueses, em anonimato, lançaram em Coimbra um livro denominado *Raspail Velha Medicina em beneficio da Sociedade Philantropico-Academica* por um Raspailista. Acusavam alguns médicos de viver no passado e de má-fé em relação ao sistema Raspail e faziam questão de se não assumir como médicos nem pretender seguir tal profissão:

*"(...)A pesar de escrevermos sobre medicina, não se julgue que somos médicos; nem o somos, nem tencionamos seguir tal profissão (...)".* (Raspail e a Velha Medicina, 1855, p.5)

Garantiam que o novo sistema se tornaria popular, mas, se acaso não acontecesse, seria porque os médicos se apropriariam dele como vinha a acontecer.

Os raspailistas portugueses acusavam a Medicina de ser arrogante e impostora pela forma como combatia as doenças usando métodos "*martirizantes*", como as rigorosas dietas que apenas enfraqueciam ainda mais os doentes. Apontavam um maior numero de doenças nas cidades que nos campos devido ao irracionalismo da medicina que os médicos praticavam com a prescrição de tantos medicamentos:

*(...) Os filhos de Hippocrates sacrificam a cada passo as fortunas dos cidadãos ao apego tenaz e estúpido a um systema irracional e contraditório, onde arruinam algumas vezes para sempre, ou fazem baixar á campá, constituições fortes e viçosas, que infelizmente lhes cahem nas mãos, com meia dúzia de receitas, que os doentes pagam a peso d'ouro. (...)* (Raspail e a Velha Medicina, 1855, p.10)

No mesmo livro, na página 30, defendiam-se das críticas da forma com que eram alcunhados

*"(...) Enquanto a palavra curandeiro é bem escolhida como synonyma de raspailista, porque curandeiro é o que cura: mas viu-se lá nunca mandar um homem para a cadeia por curar, como se curar fosse synonymo de matar, quando são cousas inteiramente contraditórias?! (...)"* (Raspail e a Velha Medicina, 1855, p.14).

Raspail reunia muitos adeptos pelo reino de Portugal e entre eles constava Eça de Queiroz, que escreveu, quando da morte de Raspail:

*(...) Raspail, entre todos esses o maior, deixa na terra um immenso vacuo imprehensivel. Desappareceu com elle uma das mais poderosas forças sociaes do mundo moderno, a porção mais fecunda e mais gloriosa da grande alma do povo. Foi o maior contribuinte dos descobrimentos scientificos d'este seculo. (...) Fundou a hygiene em bases novas, não como uma dependencia da medicina, mas como um desdobraimento da sciencia social (...) É este médico quem deveis em vossas enfermidades confiar o cuidado de vos ajudar com seus conselhos para chegar a alliviar um esposo, um pae, uma boa mãe, um irmão e filhos queridos, e numa palavra o que tendes de mais caro sobre a terra, se não tendes precisa confiança em vós próprios para dispensardes o médico. (...)* (MATOS, 2008, p. 23)

Raspail não agradou apenas a Eça de Queiroz. Também Camilo Castelo Branco, em a Brasileira de Prazins, honrou o manual de Raspail, colocando na boca do clero o consentimento para males que até então pertenciam ao foro religioso:

*(...) O demónio que ela tem, é a doença (...) havia de comprar o Manual do Raspail, a ver o que ele dizia da moléstia, porque em Pernambuco toda a casta de doenças se curava pelo Raspail, e que levasse o diabo o frade e mais a caiporice dos exorcismos. Que sim, que comprasse o Manual do Raspail, concordou o padre Osório e saiu muito cansado — dizia ele à irmã — de lidar com as duas cavalgadas (...)*» (BRANCO, 1882, p. 72)

## Conclusão

Este artigo representa o anunciar de um interesse científico pela temática e exige futuros aprofundamentos de modo a compreender mais profundamente as concepções, explicações e forma de lidar com a saúde e a doença no Século XIX. Sem dúvida que esse conhecimento iluminará a

compreensão sobre o presente e nos permitirá aprofundar a análise sociológica do campo da saúde e da doença, suas relações de poderes, seus protagonistas, seus públicos. Abre-se, dessa forma, um vasto campo de pesquisa que reúne retalhos de história sobre a saúde, a doença e as terapias, e que, unidos, poderão constituir um material de valor incalculável para apreender e examinar uma realidade bem mais vasta da História da saúde e da doença em Portugal, imprescindível para o projeto científico da Sociologia.

## Referências bibliográficas

- AIRIÉS, F. DUBY, G., **História da Vida Privada**, V. 4, Porto, Afrontamento, 1990
- ALVES, Fátima, **A doença mental nem sempre é doença - racionalidades leigas sobre saúde e doença mental**, Porto, Afrontamento, 2011
- BIVINS, Roberta, **Alternative Medicine – A History**, Oxford, Oxford University Press, 2007
- BLOCH, Marc, **História e historiadores**, Lisboa, Teorema, 1998
- BRAGA, Isabel M.D., **Assistência, Saúde Pública e Prática Médica em Portugal** (séculos XV-XIX), Lisboa, Universitária Editora, 2001
- BRANCO, Camilo, Castelo, **A Brasileira de Prazins**, Porto, Ernesto Chardron, 1882
- CALMON, Pedro, **História do Brasil**, v. IV, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959
- CARVALHO, Augusto da Silva, **História da Medicina Portuguesa**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1929
- ELIAS, Norbert, **A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FOUCAULT, Michel, **O Nascimento da Clínica**, Rio de Janeiro, Forense, Universitária, 2006
- GARNEL, Maria Rita Lino, **O Poder Intelectual dos Médicos – finais do século XIX- Inícios do século XX**, Revista da História das Ideias, Vol. 24, Coimbra, Faculdade de Letras, 2003
- LEMONS, Maximiliano, **Camilo e os médicos**, Porto, Editorial Inova, 1994
- LEMONS, M., **História da medicina em Portugal: instituições e doutrinas**, Vol. II. Lisboa: D.Quixote; Ordem dos Médicos, 1991
- LINDEMANN, Mary, **Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna**, Lisboa, Editora Replificação, 2002
- MADUREIRA, Nuno Luís, **Lisboa Luxo e Distinção 1750-1830**, Lisboa, Fragmentos, 1990
- MATOS, A. Campos, **Eça de Queiroz correspondência organização e anotações**, Lisboa, Editorial Caminho, 2008
- MORENO, Armando, **O Mundo Fascinante da Medicina**, Lisboa, Printipo, 1997
- MOURA, Carneiro, **O Século XIX em Portugal**, Lisboa, Editora Palhares, 1902
- OLIVEIRA, Luísa Tiago de, **A Saúde Pública no Vintismo, A Crise do Antigo Regime e as Cortes Constituintes de 1821 – 1822**, Lisboa, Edições João Sá, 1992
- PITA, João Rui, Farmácia, **Medicina e Saúde Pública em Portugal, (1772-1836)**, 1998
- POMBO, M. Dulce, **Modelos Terapêuticos em Movimento no Portugal do Século XIX – atores, discursos e controvérsias**, Dissertação de Mestrado, ISCTE-IUL, Lisboa, 2010
- PORTER, Roy, **História Ilustrada da Medicina**, Rio de Janeiro, Editora Revinter, 2001
- RASPAIL, V., **Manual Anuario da Saúde para 1849 ou medicina e Pharmacia Domésticas** Pela Typographia Castro & Irmão, 1849
- RASPAIL, V., **Manual de Saúde ou Medicina e farmácia domésticas**, Lisboa, Typ. De A.J.da Rocha, 1850
- RASPAIL, V., **O Livro D'Ouro do Povo**, Manual de Saúde ou Medicina e Pharmácia Domésticas Pela

Typographia do Jornal do Porto 1884

SAKS, Mike, **Ortodox and Alternative Medicine – Politicas, Professionalization and Health Care**, London, Sage, 2003

SALDANHA, Marechal Duque de, **O Estado da Medicina em 1858**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858

SERRÃO, Joel, **Temas Oitocentistas para a história de Portugal no século passado**, Lisboa, Edições Ática, 1959

SERRÃO, Veríssimo, **História de Portugal, Vol. VI, VII, VIII, X**, Lisboa, Editorial Verbo, 1959

SINES, J. D., **A Homeopathia comparada com os outros sistemas médicos**, Lisboa, Typographia de M.de J. Coelho, 1859

SINES, J. D., **Memoria Dirigida ao Povo sobre os meios preservativos e curativos contra a Cholera, Cholerina e TYpho**, Lisboa, Typographia de M.de J. Coelho, 1856

SOURINA, Jean Charles, **História da Medicina**, Lisboa, Instituto Piaget, 1992

#### **Gazetas Periódicos e folhetos do Século XIX:**

As Farpas: crónica mensal da política, das letras e dos costumes / Eça de Queirós,

Ramalho Ortigão (2004), S. João do Estoril, Principia

Esculápio, boletim semanal de medicina Lisboa de 3 /7/ 1850

Jornal Annaes de Medicina pelo Systema Raspail, 1865, Lisboa, Nº 7- 17, Typografia de J. G. de Sousa Neves, 1865

Jornal das Sciencias Médicas de Lisboa, 1850-1856

Folheto: Raspail e a velha medicina/por um raspalhista, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1855

Revista Medicina Contemporânea, I Anno, nº 9, 4-III-1883

#### **Outros:**

Revista Convergência Lusíada, nº 24, p. 216, Presença de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Rafael BordaloPinheiro no debate e na polémica naturalista no Brasil, Jean Yves Mérian, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, Centro de Estudos, 2º Semestre - 2007